



ISSN: 1983-8379

O Rastejo do Marginal: O Sujeito Periférico como Ameaça ao Decadente Projeto Moderno de Civilização

Giovani Verazzani*

RESUMO: Através dessa proposta de leitura, ver-se-á como se reflete a crise do ideal moderno de civilização no sujeito marginal/periférico já não tão preso à sua realidade difícil e miserável; como “as luzes”, a razão, provocam a sensação de mal-estar no indivíduo; e como o caráter fantástico da literatura ajuda na construção de uma alegoria, a qual coloca o sujeito marginal/periférico na mesma condição de constante ameaça proposta pelos contos *O Horla*, de Maupassant, e *Animales de los espejos*, de Borges.

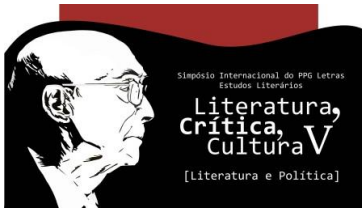
Palavras-chave: Ferréz; Estranhamento; Ameaça; Marginal;

ABSTRACT: Through this proposition of reading, it will be possible to see how does the crisis of ideal project of civilization mirror the marginal/peripheral subject, who is not too tight on his difficult and miserable reality; how does “the lights”, the ratio, starts the illness on this subject; and how does the fantastic character of the literature helps on the construction of an allegory, which puts this marginal/peripheral subject on the same condition of permanently risk purposed by the short-stories *The Horla*, of Maupassant e *Animales de los espejos*, of Borges.

Keywords: Ferréz; Estrangement; Threat, Marginal;

O conto proposto para análise constitui uma parte do que é a obra *Ninguém é Inocente em São Paulo*, do escritor Ferréz. O trabalho é um livro de contos curtos que retratam situações rotineiras na periferia, mas que ultrapassam o mero registro desse fato, narrando cortes que captam a ruptura dessa rotina dura e difícil, muitas vezes banalizada com a quantidade de obras (livros, filmes, documentários, etc.) que exploram essa temática ora como um modismo, ora como estratégia mercadológica. Pessoalmente, o escritor denomina sua obra como “Literatura Marginal”, ou seja, “produzida às margens dos núcleos centrais do saber” (FERRÉZ, 2005, p.12). Entretanto, a academia tem-no enquadrado na “Geração 90”, ou ainda

* Mestrando no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora

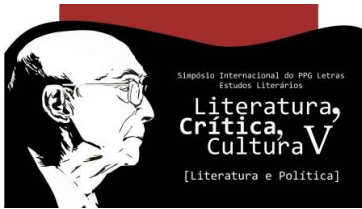


ISSN: 1983-8379

como “Literatura Periférica”, de forma a distingui-la da “Literatura Marginal” da década de 70.

À luz de obras freudianas, como *O mal estar na civilização* e *O estranho*, além de Sérgio Rouanet com o *Mal-estar na modernidade*, bem como contos de Guy de Maupassant e Jorge Luis Borges, far-se-á a leitura do conto *Rastejar*, do citado livro, analisando aspectos formais e o conteúdo do mesmo. Ver-se-á como o “mal-estar da modernidade” se manifesta em um personagem característico das zonas periféricas, ou seja, pouco contempladas pelo “progresso” do projeto iluminista, onde a lógica parece funcionar de maneira própria, “à margem” da lógica iluminista, revelando as fissuras, falhas daquele projeto. A partir dessa constatação, perceber-se-á o sujeito periférico do conto como alguém em que há uma inversão nos conceitos de *heimlich e unheimlich*, de Freud: seu dia, luz, razão serão marcados pela sensação de estranheza; enquanto sua noite, sonho, fantasia serão marcados pelo sentimento de pertencimento, conforto e libertação de seus transtornos. Em seguida, verificar-se-á uma mutação desse personagem no domínio do fantástico, estabelecendo diálogos com obras literárias como *O Horla*, de Maupassant e *Animales de los espejos* e *Biblioteca de Babel*, de Borges, e percebendo esse sujeito periférico como ameaça, perigo ao projeto moderno de civilização já insuficiente nas novas relações globais, inexplicáveis pela razão e lógica do racionalismo.

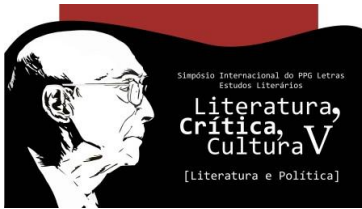
Além de possuir um recorte espaço-temporal curtíssimo, o conto se vale de períodos curtos com pouco ou nenhum processo de subordinação, condições que permitem certo tom de mistério e suspense. Seu desfecho pode ser enquadrado dentro do conceito da literatura fantástica, pois a condição da verossimilhança é quebrada e o leitor tem a sensação de sair de uma realidade possível e adentrar a fantasia. Isso é marcado pela metamorfose do protagonista, fato que nos remete diretamente ao texto de Kafka, *A metamorfose*, no qual é realizado um processo semelhante de mutação do ser - humano em um animal. Entretanto, as semelhanças parecem parar por aí, uma vez que Kafka mostra o ser - humano reduzido a uma condição miserável e impotente; o que não parece ser o caso do escritor brasileiro, se dedicar-se a uma leitura mais atenta, conforme o próprio autor e organizador do livro sugere no “prefácio” chamado *Bula*, ou modo de usar/ler.



ISSN: 1983-8379

O protagonista do conto é um trabalhador, assim como muitos dos protagonistas dos demais contos do livro: um mecânico de autos, para ser mais preciso. O narrador, que é em terceira pessoa, mas parece observar a partir da perspectiva do protagonista, menciona outra personagem, que parece ser a filha desse sujeito, mas que desaparece tão logo o foco do narrador passa ao homem, operário, pai e, aparentemente, suburbano. Uma personagem estranha é como podemos defini-la, porquanto sofre de transtornos psicológicos, como uma espécie de TOC (transtorno obsessivo compulsivo) ou ansiedade extrema, os quais o levam ter problemas em sua vida social. A mania estranha vivida pela personagem é uma mania de organização, ordenação, como algo que parece faltar na sua vida. “Tudo questão de um maldito ser sistemático que morava dentro dele” (FERRÉZ, 2006, p. 37). Com essas palavras, o narrador nos revela uma personagem que possui um “outro ser” dentro de si, um “ser sistemático”. Tomando a ideia de *duplo* no texto de Freud, *O estranho*, na qual afirma que, no ser – humano, “forma-se, lentamente, uma atividade especial, que consegue criticar o eu (*self*) e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa ‘consciência’.” (FREUD, 1974, p. 253), percebe-se esse “ser sistemático” como a própria consciência, mas atuando como patologia, tratada pelo próprio narrador como insanidade: “(...) todos os dias um duelo contra sua própria loucura.” (FERRÉZ, 2006, p.38). Outra palavra que se adapta bem ao contexto do conto é “censura”, pois o protagonista é censurado a todo tempo por essa patologia que não o deixa confortável e o torna até mesmo agressivo.

Por contar de maneira rápida, o narrador não pretende ser aquele detalhista e analista da narrativa realista, limitando-se a narrar o essencial, ou o que ele pressupõe como tal. Como não há processos de subordinação, as relações entre os períodos ficam por conta do próprio leitor, o que torna o texto mais truncado e, por isso, exige um leitor mais atento. Através dessa leitura, na tentativa de estabelecer as relações precisas, percebe-se a personagem que é um *duplo*: leva sua vida de ser social (ou pelo menos o tenta) e padece de uma ansiedade da “ordem” extrema que o censura, como se na sua vida não fosse possível essa ordem, como de fato não o é quando levamos em conta o *Mal-estar na civilização* descrito por Freud: existe no ser - humano civilizado sempre uma tensão entre a pulsão erótica, do amor e a pulsão de morte, da agressividade, cuja repressão é de onde vem o mal-estar moderno, segundo Rouanet (1993, p.98). Essa tensão do personagem é tão intensa que chega até mesmo a perder o

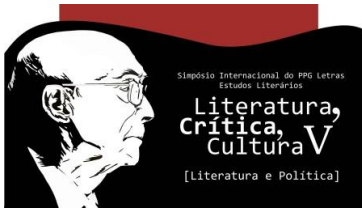


ISSN: 1983-8379

controle e partir para a agressão em determinado momento da sua vida, o que sugere uma permanência da insuficiência dessa repressão.

Entretanto, embora a personagem viva essa tensão durante todo seu dia, outra vida é a que ele leva durante a noite, quando todos estão a dormir e, por isso, o ignoram. É também quando a narrativa sai da verossimilhança e começa a penetrar no domínio do fantástico. Enquanto sua vida, durante o dia, é marcada pelo constante desconforto e mal-estar, a noite para ele, “é a melhor parte do dia.” (FERRÉZ, 2006, p.37); é quando parece conseguir libertar-se do seu desconforto, de sua condição de censurado e de sua patologia. A partir dos conceitos de *heimlich* e *unheimlich* de Freud, então, podemos notar uma inversão: o dia, que é marcado pela razão, a luz, é o *estranho/unheimlich*, “(...) aquilo que era secretamente familiar e deveria permanecer oculto, mas que veio à luz.” (FREUD, 1974, p. 243); isto é, todo pensamento moderno, pautado pela racionalidade e ordem social, embora familiar e incontestável, é *estranho*, pois ele já não dá conta das novas relações humanas e sociais e, por isso, encontra-se em crise (HALL, 2009, p.45). Por ser imposto até mesmo através da repressão (ou mais repressão), esse projeto falho torna-se, então, patológico, doentio. Já à noite, quando sai a luz e inicia-se o processo de metamorfose, é quando o personagem sente-se *heimlich*, ou seja, confortável com algo que lhe é familiar, agradável e, ao mesmo tempo, oculto, longe dos olhos da sociedade e até mesmo da família (FREUD, 1974, p.243), o personagem se liberta da sua condição patológica de “censurado”. Mas há de se levar em conta um objeto fundamental presente no conto e na vida da personagem para que aconteça essa metamorfose e, conseqüentemente, a inversão da lógica racional iluminista.

O objeto ao qual nos referimos torna-se de difícil compreensão pela maneira como o narrador no-lo apresenta: um simples “livro”; nem uma informação a mais nem a menos. É através do contato com o livro que o personagem inicia e completa seu processo de metamorfose. Ao tomar a figura do livro pelo viés do pensamento moderno iluminista, ele seria a principal porta de entrada para a emancipação dos indivíduos e, conseqüentemente, das civilizações. Enfim, ele representa a inserção do sujeito no mundo das “luzes” e na civilização moderna através da razão e conhecimento. Entretanto, esse objeto se apresenta de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que representa a razão, ele também representa, no conto, a



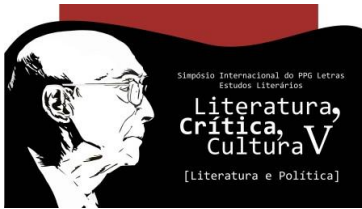
ISSN: 1983-8379

fuga da lógica racional e a entrada no domínio fantástico. Essa figura ambígua do livro está também presente no conto *Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges.

Numa leitura dessa obra, a partir da constatação de que o “universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas.” (BORGES, 2000, p.51), vê-se a figura do livro como o que abarca todo o conhecimento humano e do universo. Mas há também os livros incompreensíveis, ilógicos, em línguas desconhecidas e que deixam os bibliotecários e estudiosos desse espaço pasmados e inconformados. Primeiro, ao descobrir que essa biblioteca, que é também o universo letrado e racional, que “abrange todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens se sentiram senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal e mundial cuja eloquente solução não existisse... O universo estava justificado...” (BORGES, 2000, p.54).

No entanto, havia questões das quais os estudiosos dessa biblioteca não davam conta simplesmente através da busca e pesquisa dos livros ali presentes. Essa busca, então, sempre frustrada e incessante, começa a levá-los à loucura, fazendo-os desprezar e descartar os livros que pareciam ir de encontro às respostas procuradas. É quando, depois de até mesmo a formação de seitas com “altos inquisidores” bibliotecários na busca de verdades, como “a origem dessa biblioteca e do tempo”, seus estudiosos caminham para a depressão, para a discórdia entre eles, inclusive suicídios, que dizimam a população. Assim, o narrador da *Biblioteca de Babel*, que é também um estudioso dela, chega a uma constatação semelhante a que chega Freud ao fim do *Mal-estar na civilização*, de que “...a espécie humana – a única – está prestes a extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.” (BORGES, 2000, p.57, grifo nosso). “Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem.” (FREUD, 1974, p. 49).

Há, ainda, outro conto de Borges que nos revela a mesma problemática da ambiguidade do objeto “livro”. *O livro de areia* desperta o protagonista para seu conteúdo



ISSN: 1983-8379

infinito e acaba levando-o à beira da loucura, a ponto de desfazer-se daquele objeto “demoníaco”. A partir dessas constatações, então, retornemos ao conto proposto para análise.

Quando o sujeito periférico, protagonista do conto, abre o simples livro que tem em mãos, livro que, pela sua aparição enigmática (pois só se sabe que é um livro), pode sugerir a ambiguidade dos conceitos avaliados em Borges, todo o processo de metamorfose pelo qual passa esse personagem nos é narrado:

“Pegou o livro, abriu no capítulo exato em que tinha parado, as pernas começaram a se mexer, ele sabia o que viria.

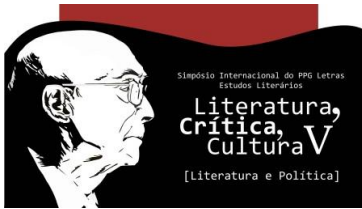
Mas já tinha feito tudo isso antes, por que não parava de lembrar?

Se juntaram, de sua barriga saiu um líquido viscoso, passo a passo, a bermuda saiu, caiu como se estivesse somente numa perna, começou a sentir as dores, o quarto estava todo quieto, ele prestava muita atenção nos ruídos, e não tinha nenhum, só os ossos estalavam agora.

A coisa se completou, agora as escamas estavam lá, os olhos viraram, a visão dobrou, também o tato havia melhorado bastante, abaixou o queixo e deslumbrou o novo corpo, liso, análogo.” (FERRÉZ, 2006, p.38)

Um ser semelhante a uma serpente é no que parece transformar-se esse sujeito. Figura presente em muitos mitos de povos diversos, a serpente é sempre ameaçadora e representa a sabedoria. Tomando-a através da mitologia grega e da tradição judaico-cristã, a serpente é tanto o símbolo de Asclépio, deus da medicina, quanto o símbolo do diabo que tentou a Adão e Eva no paraíso; cura ou doença, conhecedor do bem e do mal, essa também é a ambiguidade desse ser, mas sempre ameaçador, pois no livro do Pentateuco ele é o próprio diabo; e na medicina, antes da cura, precisa-se do veneno. Entretanto, no conto em análise, pouco de diabólico vemos nessa metamorfose, da mesma forma que ela não é a cura nem a doença desse personagem, mas algo intermediário e ameaçador.

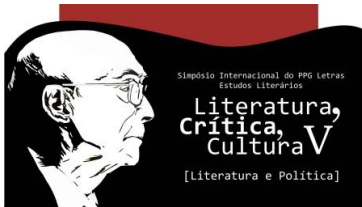
A narração desse processo, pela perspectiva do personagem, revela-se dolorosa, mas, ao mesmo tempo, como uma espécie de “evolução” dos sentidos desse indivíduo. Sua visão é dobrada, ampliada e seu tato parece ser mais preciso que anteriormente. A dificuldade de se locomover é rapidamente superada, rastejando “com mais desenvoltura”. Todos os seus movimentos eram ocultos, secretos, pois os “tacos encerados não o denunciavam”. O personagem não parece se incomodar com sua nova condição; ao contrário, sua loucura e patologia parecem abrandar-se, senão desaparecer de vez, além de continuar a ação que iniciara antes da mutação: a leitura. Mas antes de continuar a sua leitura, ele precisa “acender a luz”.



ISSN: 1983-8379

Levando em conta todas as considerações feitas até aqui, tanto da figura ambígua do livro que possibilita essa metamorfose, quanto da figura ameaçadora e “evoluída” na qual se metamorfoseia, podemos traçar possíveis interpretações para o conto, o qual se desfecha com o ato da leitura. Esse sujeito, embora vivendo sob as duras condições da periferia, como esquecidos pelo projeto moderno civilização, encontra-se ao mesmo tempo inserido nesse mundo da razão através do contato com o livro. Mas o livro é uma figura que também leva o homem ao mundo fantástico, incompreensível do ponto de vista da mesma razão, quando o transforma num animal perigoso e ameaçador. Esse ser, que não quer ser denunciado, na calada da noite, ainda assim “acende a luz”; ato que pode ser visto como uma constatação de que a razão não está descartada de todo dessa fantasia. É como a ameaça da figura do *Horla*, no conto de Maupassant, que está lá, existe, embora nenhum discurso dotado do mais puro pensamento racional o consiga apreender; um Ser que talvez seja predador dos humanos; um Ser que ameaça ocupar o mesmo lugar que esse humano; e que, pelo julgamento do protagonista do *Horla*, parece vir do Brasil (de qualquer forma, essa coincidência fica para um segundo plano e somente como coincidência, uma vez que a semelhança entre os dois contos está além deste mero produto do acaso). Pensa-se, também, no “peixe”, como a criatura ameaçadora do “espelho” de Borges, em *Animales de los espejos*. A criatura do espelho, o outro, a alteridade das colônias, suprimida e massacrada pelo discurso e pensamento hegemônicos, ameaça voltar; primeiro inofensivo como a figura de um peixe, mas que pode assumir formas mais perigosas como o tigre, ou, por que não, uma serpente.

Dessa forma, pode-se depreender do conto uma alegoria da própria proposta da Literatura Marginal/Periférica, mais pautada nos moldes retóricos da figura de linguagem: a transformação do sujeito periférico num ser mutante, perigoso e ameaçador, através do principal meio de emancipação do sujeito do progresso iluminista: o conhecimento, encarnado na figura do livro. No seu *Terrorismo Literário*, Ferréz explicita as propostas sérias e críticas que existem nessa Literatura Marginal/Periférica, assim como a revista *Caros Amigos*, que “é feita para e por pessoas que foram postas à margem da sociedade.” (FERRÉZ, 2005, p.12, grifo nosso). Uma literatura perigosa, pois racionaliza e subverte, ao mesmo tempo, a cultura periférica e hegemônica, estabelecendo uma nova relação entre esses pólos essencializantes e insuficientes nessa nova modernidade, a qual Hall chama “pós-modernidade” (HALL, 2009).



ISSN: 1983-8379

Uma literatura como a “ameaça invisível” do *Horla*; ou como o mero “peixe” de *Los Animales de los espejos*; ou seja, o próprio ser mutante, “chegando devagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com hipocrisia alheia.” (FERRÉZ, 2005, p.13).

Referências

- BORGES, Jorge Luis. Animales de los espejos. In: BORGES, Jorge Luis. Manual de zoología fantástica. Disponível em: <<http://www.freewebs.com/literar/bor-manual.zip>> Acesso em: 25 mai 2011.
- _____. Biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. Ficções. Editorial Teorema Ltda, 2000. p. 51-58.
- _____. O livro de areia. In: BORGES, Jorge Luis. Obras Completas de Jorge Luís Borges v. III. São Paulo: Globo, 1998. p. 79-83.
- FERRÉZ. Ninguém é Inocente em São Paulo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 93p.
- _____. Terrorismo Literário. In: FERRÉZ (Org.). Literatura Marginal, talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 9-14.
- FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 12-84.
- _____. O Estranho. In: FREUD, Sigmund. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 237-269.
- HALL, Stuart. Pensando a Diáspora Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. Da Diáspora Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- KAFKA, Fraz. A Metamorfose. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/30.pdf>> Acesso em: 22 jun 2011.
- MAUPASSANT, Guy. O Horla. In: MAUPASSANT, Guy. Obras de Guy de Maupassant. Contos e Novelas v. II. Belo Horizonte: Itatiaia Ltd, 1983. p. 600-606.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-estar na modernidade. In: ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-estar na modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 93-118.